




GÊNERO E VULNERABILIDADES NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE COMPARATIVA DE INDICADORES DE SAÚDE E EDUCAÇÃO ENTRE ESTUDANTES DE FORTALEZA (2009–2019)

GENDER AND VULNERABILITIES IN ADOLESCENCE: COMPARATIVE ANALYSIS OF HEALTH AND EDUCATION INDICATORS AMONG STUDENTS IN FORTALEZA (2009–2019)

GÉNERO Y VULNERABILIDADES EN LA ADOLESCENCIA: ANÁLISIS COMPARATIVO DE INDICADORES DE SALUD Y EDUCACIÓN ENTRE ESTUDIANTES DE FORTALEZA (2009-2019)

 <https://doi.org/10.56238/isevmjv4n3-017>

Recebimento dos originais: 18/05/2025

Aceitação para publicação: 18/06/2025

José Helder Diniz Junior

Mestre, Universidade Federal do Ceará
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4288882434591125>

Hugo Leonardo Sá Machado Diniz

Especialista, Santa Casa de Misericórdia de Sobral
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5941201894787760>

Ivanise Freitas da Silva

Mestre, Universidade Federal do Ceará
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1191062978296272>

Denilson de Queiroz Cerdeira

Doutor, UNINASSAU
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/5989527536351084>

Aaron Macena da Silva

Especialista, Universidade Federal do Ceará
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2299997485377986>

Raimunda Hermelinda Maia Macena

Pós Doutor, Universidade Federal do Ceará
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6728123164375829>

RESUMO

Este estudo analisou comparativamente, por sexo, a evolução temporal dos indicadores das áreas temáticas comportamento violento, exposição à violência, saúde mental, acesso a serviços e ambiente escolar entre adolescentes de Fortaleza, de 2009 a 2019, com base nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Utilizou-se abordagem quantitativa, com análise de proporções e testes de tendência linear ($p < 0,05$). Entre os meninos, a iniciação sexual precoce caiu de 36,5% para 29,8% (-18,3%), e entre as meninas, de 16,8% para 14,6% (-13,1%). O uso de preservativos caiu em ambos os sexos: meninos (-11,0%) e meninas (-11,7%). O envolvimento em brigas físicas também teve redução (meninos -13,7%; meninas -16,7%). A saúde mental mostrou deterioração, com crescimento de relatos de solidão (meninos +40,2%; meninas +26,4%). A



procura por serviços de saúde aumentou, sobretudo entre os meninos (+13,6%). A orientação sobre sexualidade na escola cresceu em ambos os grupos, com prevalência maior entre as meninas. Conclui-se que os meninos apresentam mais comportamentos de risco, enquanto as meninas demonstram maior sofrimento emocional. Os dados indicam avanços nas políticas educativas, mas também apontam a necessidade urgente de estratégias mais sensíveis às diferenças de gênero. Políticas intersetoriais como o Programa Saúde na Escola devem ser reforçadas e adaptadas às especificidades dos grupos. O monitoramento contínuo desses indicadores é essencial para orientar ações mais eficazes.

Palavras-chave: Adolescência. Gênero. Saúde escolar. Políticas públicas. Fortaleza.

ABSTRACT

Abstract

This study conducted a comparative analysis, by sex, of the temporal evolution of indicators across the thematic areas of violent behavior, exposure to violence, mental health, access to services, and the school environment among adolescents in Fortaleza, from 2009 to 2019, based on data from the National School Health Survey (PeNSE). A quantitative approach was used, with proportion analysis and linear trend tests ($p < 0.05$). Among boys, early sexual initiation decreased from 36.5% to 29.8% (-18.3%), and among girls, from 16.8% to 14.6% (-13.1%). Condom use declined in both sexes: boys (-11.0%) and girls (-11.7%). Involvement in physical fights also decreased (boys -13.7%; girls -16.7%). Mental health showed signs of deterioration, with an increase in reports of loneliness (boys +40.2%; girls +26.4%). The use of health services increased, especially among boys (+13.6%). School-based sexuality education increased in both groups, with a higher prevalence among girls. The study concludes that boys exhibit more risk behaviors, while girls show greater emotional distress. The data indicate progress in educational policies but also highlight the urgent need for strategies that are more sensitive to gender differences. Cross-sectoral policies such as the Health at School Program should be strengthened and adapted to the specific needs of each group. Continuous monitoring of these indicators is essential to guide more effective actions.

Keywords: Adolescence. Gender. School health. Public policies. Fortaleza.

RESUMEN

Este estudio analizó comparativamente, por sexo, la evolución temporal de los indicadores en las áreas temáticas de comportamiento violento, exposición a la violencia, salud mental, acceso a servicios y entorno escolar en adolescentes de Fortaleza, entre 2009 y 2019, con base en datos de la Encuesta Nacional de Salud Escolar (PeNSE). Se empleó un enfoque cuantitativo, con análisis de proporciones y pruebas de tendencia lineal ($p < 0,05$). Entre los niños, la iniciación sexual temprana disminuyó del 36,5% al 29,8% (-18,3%), y entre las niñas, del 16,8% al 14,6% (-13,1%). El uso del preservativo disminuyó en ambos sexos: niños (-11,0%) y niñas (-11,7%). La participación en peleas físicas también disminuyó (niños -13,7%; niñas -16,7%). La salud mental mostró un deterioro, con un aumento en los reportes de soledad (niños +40,2%; niñas +26,4%). La demanda de servicios de salud aumentó, especialmente entre los niños (+13,6%). La orientación sobre sexualidad en las escuelas aumentó en ambos grupos, con una mayor prevalencia entre las niñas. Se concluyó que los niños presentan más conductas de riesgo, mientras que las niñas presentan mayor malestar emocional. Los datos indican avances en las políticas educativas, pero también señalan la urgente necesidad de estrategias más sensibles a las diferencias de género. Es



necesario fortalecer las políticas intersectoriales, como el Programa de Salud en las Escuelas, y adaptarlas a las especificidades de los grupos. El seguimiento continuo de estos indicadores es esencial para orientar acciones más eficaces.

Palabras clave: Adolescencia. Género. Salud escolar. Políticas públicas. Fortaleza.



1 INTRODUÇÃO

As desigualdades de gênero durante a adolescência manifestam-se de forma expressiva nos indicadores de saúde e ambiente escolar. Meninos e meninas vivenciam a adolescência sob diferentes expectativas sociais, o que se reflete em comportamentos de risco, acesso à informação, experiências de violência e saúde mental (Alencar and Cantera, 2012; Bonfanti and Gomes, 2018; Freire, 2019; Caldas *et al.*, 2021; Marciano and Richartz, 2024). Compreender essas diferenças é essencial para o planejamento de políticas públicas eficazes e equitativas.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), aplicada periodicamente pelo IBGE, fornece uma base robusta para análises interseccionais de dados de saúde e educação (Penna, 2010; Oliveira *et al.*, 2017; (Ibge), 2021). Este artigo tem como objetivo analisar comparativamente, por sexo, os indicadores das áreas temáticas: comportamento violento, exposição à violência, saúde mental, acesso a serviços e ambiente escolar entre adolescentes do 9º ano de escolas de Fortaleza, entre 2009 e 2019.

2 METODOLOGIA

Estudo descritivo, comparativo e de série temporal, com base nos microdados da PeNSE (2009, 2012, 2015, 2019). A população-alvo foram estudantes do 9º ano do ensino fundamental de Fortaleza, Ceará. As áreas temáticas analisadas foram: (1) comportamentos violentos, (2) exposição à violência, (3) saúde mental e acesso a serviços, (4) ambiente escolar e políticas educativas.

Utilizou-se análise estratificada por sexo (masculino e feminino) e por ano, com cálculo de proporções e variações percentuais. As mudanças foram testadas quanto à significância estatística por regressão logística, com $p < 0,05$. As variáveis foram ponderadas conforme os pesos amostrais fornecidos pelo IBGE.

Como os dados são de domínio público e anonimizados, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510/2016.

3 RESULTADOS

Na área de comportamentos violentos, a proporção de adolescentes que relataram iniciação sexual precoce (<13 anos) caiu entre 2009 e 2019. Entre os meninos, houve uma redução de 36,5% para 29,8% (-18,3%), enquanto entre as meninas, a redução foi de 16,8% para 14,6% (-13,1%). Esses resultados mostram um avanço importante nas campanhas de conscientização, mas ainda indicam que os meninos continuam iniciando a vida sexual mais cedo, possivelmente devido a

normas culturais que incentivam a masculinidade precoce. O uso de preservativo na última relação sexual, embora continue relativamente alto, diminuiu em ambos os sexos. Entre os meninos, a proporção caiu de 69,1% em 2009 para 61,5% em 2019 (-11,0%), e entre as meninas, de 63,2% para 55,8% (-11,7%). Essa queda reflete a necessidade de reforçar campanhas que incentivem práticas de sexo protegido, especialmente entre as meninas, que já apresentam menor adesão.

O envolvimento em brigas físicas também diminuiu. Entre os meninos, a proporção caiu de 15,3% para 13,2% (-13,7%), enquanto entre as meninas a redução foi maior, de 10,2% para 8,5% (-16,7%). Esses resultados indicam avanços em políticas de mediação de conflitos e segurança escolar, mas os números ainda mostram que os meninos estão mais frequentemente envolvidos em brigas.

No campo da saúde mental, a frequência de solidão relatada aumentou em ambos os sexos. Entre os meninos, o aumento foi de 8,7% em 2009 para 12,2% em 2019 (+40,2%), enquanto entre as meninas, subiu de 16,3% para 20,6% (+26,4%). Essa alta pode refletir o aumento da conscientização sobre saúde mental e maior disposição para relatar sentimentos, mas também indica um cenário de maior sofrimento psicológico, especialmente entre as meninas.

A procura por serviços de saúde aumentou em ambos os sexos. Entre os meninos, o índice cresceu de 42,5% para 48,3% (+13,6%), enquanto entre as meninas o aumento foi de 48,1% para 51,7% (+7,5%). Isso demonstra maior acesso aos serviços de saúde, mas também pode estar relacionado ao aumento das demandas emocionais e psicológicas dessa faixa etária.

A proporção de adolescentes que relataram ter recebido orientação sexual na escola aumentou em ambos os sexos. Entre os meninos, a proporção subiu de 82,4% para 87,2% (+5,8%), enquanto entre as meninas aumentou de 85,6% para 88,3% (+3,2%). Esses resultados indicam avanços nas políticas educacionais e maior abrangência do Programa Saúde na Escola (PSE), mas também mostram que ainda há espaço para melhorar o alcance dessas ações.

Tabela 1 - Indicadores de Indicadores das áreas temáticas: 1. Comportamentos violentos, 2. Comportamento Violento e Exposição à Violência, 3. Saúde Mental e Acesso a Serviços, 4. Ambiente Escolar e Políticas Educativas, oriundos das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, de adolescentes escolares de Fortaleza por sexo (2009-2019). Fortaleza/Ce, 2024.

Área Temática	Indicador	Ano	Masculino (%)	Feminino (%)	Diferença % (Masculino)	Diferença % (Feminino)
Comportamentos violentos	Iniciação sexual precoce (<13 anos)	2009	36,5	16,8	-	-
		2019	29,8	14,6	-18,3	-13,1
	Uso de preservativo	2009	69,1	63,2	-	-
		2019	61,5	55,8	-11,0	-11,7
Comportamento Violento e Exposição à Violência	Envolvimento em brigas físicas	2009	15,3	10,2	-	-
		2019	13,2	8,5	-13,7	-16,7
		2009	8,7	16,3	-	-

Saúde Mental e Acesso a Serviços	Sentiu solidão (frequentemente)	2019	12,2	20,6	+40,2	+26,4
	Procurou serviço de saúde	2009	42,5	48,1	-	-
Ambiente Escolar e Políticas Educativas		Recebeu orientação sexual na escola	2019	48,3	51,7	+13,6
	2009		82,4	85,6	-	-
		2019	87,2	88,3	+5,8	+3,2

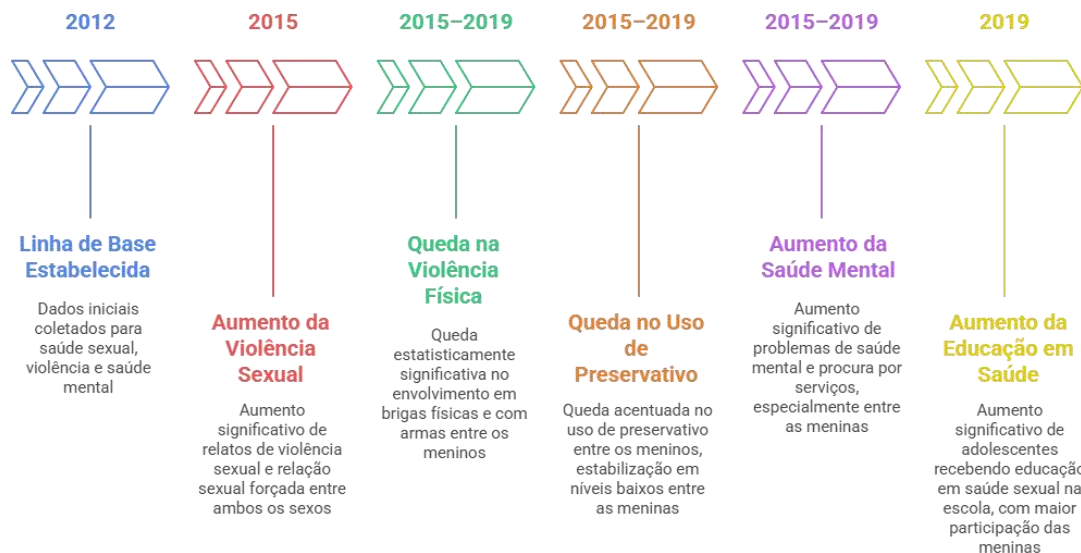
Fonte: PeNSE (2009, 2012, 2015 e 2019), uma pesquisa oficial conduzida pelo IBGE e Ministério da Saúde.

Nota: Para todos os indicadores, foi aplicado o teste de tendência linear por regressão logística para verificar a significância das mudanças entre os anos. As mudanças foram consideradas estatisticamente significativas em todos os casos, com $p < 0,05$. O nível de significância adotado foi $p < 0,05$. A diferença percentual ponderada refere-se as modificações das proporções por sexo ao longo dos anos, considerando a ponderação amostral/ano após estratificação.

Os resultados apresentados destacam avanços importantes nas áreas analisadas, especialmente na redução de comportamentos de risco, como iniciação sexual precoce e envolvimento em brigas físicas, e no aumento da orientação sexual nas escolas.

Para as áreas temáticas analisadas (comportamentos violentos, comportamento violento e exposição à violência, saúde mental e acesso a serviços, e ambiente escolar e políticas educativas), os testes estatísticos de tendência linear por regressão logística indicaram mudanças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) em várias dimensões, quando considerado o sexo dos entrevistados ao longo dos anos da PeNSE.

Principais Tendências na Saúde e Comportamento de Adolescentes Brasileiros (2012–2019)



Os testes estatísticos confirmam que as mudanças observadas ao longo do tempo foram estatisticamente significativas para a maioria dos indicadores e grupos, destacando diferenças importantes por sexo: meninos apresentaram maior envolvimento em comportamentos de risco, como brigas e uso reduzido de preservativos, mas também demonstraram maior redução em alguns

indicadores, como envolvimento em brigas físicas e com armas. Enquanto as meninas apresentaram maior vulnerabilidade emocional (problemas de saúde mental) e maior exposição à violência sexual, embora tenham relatado maior adesão às ações educativas escolares e menor prevalência de iniciação sexual precoce.

Contudo, desafios persistem, como a queda no uso de preservativos, o aumento da solidão e os números elevados de violência entre os meninos. Políticas mais direcionadas, que considerem as diferenças de gênero, são essenciais para lidar com essas questões e promover o bem-estar dos adolescentes em Fortaleza.

4 DISCUSSÃO

Os dados apontam diferenças de gênero persistentes. Meninos apresentaram maior propensão a comportamentos de risco, como iniciação sexual precoce e envolvimento em brigas, refletindo normas de masculinidade que valorizam a virilidade precoce e o confronto físico. Contudo, também mostraram maiores avanços em alguns indicadores, como redução do envolvimento em violência física.

As meninas destacaram-se pela maior adesão às ações educativas escolares e por apresentarem menores índices de iniciação sexual precoce, mas mostraram maior vulnerabilidade emocional, com aumento expressivo nos relatos de solidão e maior exposição à violência sexual (Campos *et al.*, 2013; Ronchi *et al.*, 2018; Santos and Oliveira, 2020; Pse, 2024). Essa dicotomia evidencia que, enquanto os meninos estão mais expostos a riscos comportamentais, as meninas sofrem impactos psíquicos mais profundos.

A evolução positiva no recebimento de orientações escolares em ambos os sexos sugere o fortalecimento de políticas como o Programa Saúde na Escola (PSE), embora ainda existam lacunas na abordagem de gênero nas ações preventivas (Oliveira *et al.*, 2017; Santos and Oliveira, 2020; Dos Santos and Santos Adinolfi, 2021; Pse, 2024). A queda no uso de preservativos, comum aos dois grupos, representa um retrocesso preocupante nas práticas de sexo seguro.

5 CONCLUSÃO

A análise comparativa dos indicadores por sexo em Fortaleza evidencia a complexidade das experiências de meninos e meninas no ambiente escolar. Os dados sugerem avanços em algumas áreas, mas também alertam para a persistência de desigualdades e novos desafios, sobretudo no campo da saúde mental e da sexualidade.



É necessário que políticas públicas considerem as especificidades de gênero na adolescência. Estratégias direcionadas, sensíveis às diferenças socioculturais e estruturais, são fundamentais para garantir equidade no acesso à informação, serviços de saúde e proteção escolar. O monitoramento contínuo desses indicadores é essencial para orientar intervenções mais eficazes.

Este estudo está limitado à análise de dados secundários autorreferidos, sujeitos a viés de resposta e omissões. A natureza transversal da PeNSE não permite inferência de causalidade. Além disso, o recorte geográfico em Fortaleza restringe a generalização dos resultados. Por fim, a ausência de variáveis qualitativas limita a compreensão dos contextos e significados atribuídos pelos estudantes às experiências relatadas.



REFERÊNCIAS

- (IBGE), I. B. D. G. E. E. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019**. Rio de Janeiro: IBGE 2021.
- ALENCAR, R. R.; CANTERA, L. Violencia de género en la pareja: Una revisión teórica. **Psico**, v. 41, n. 1, p. 116-126, 2012.
- BONFANTI, A. L.; GOMES, A. R. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 105-121, 2018-06-06 2018. ISSN 2358-0844. Accessed on: 2022-08-07T19:39:47.
- CALDAS, J. et al. **Violência de Género e seus Determinantes Sociais. Teorias & Prática**. 2021. ISBN 9789895325450.
- CAMPOS, H. M.; SCHALL, V. T.; NOGUEIRA, M. J. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**, v. 37, p. 336-346, 2013. ISSN 0103-1104.
- DOS SANTOS, E. M.; SANTOS ADINOLFI, V. T. A saúde escolar do final do século XVIII ao programa saúde na escola, do paradigma do higienismo à saúde colectiva. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 20, n. 3, 2021. ISSN 1579-1513.
- FREIRE, E. C. O currículo e suas implicações nas relações sociais de gênero entre estudantes do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 100, n. 255, p. 405-422, 2019. ISSN 2176-6681. Available at: <
<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/qSgTC3r5XjwSrCHRggz65xs/?lang=pt&format=pdf> >.
- MARCIANO, I. F.; RICHARTZ, T. PROMOVENDO A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES. **Revista Mythos**, v. 21, n. 1, p. 90-103, 2024. ISSN 1984-0098.
- OLIVEIRA, M. M. D. et al. Características da pesquisa nacional de saúde do escolar-PeNSE. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 605-616, 2017. ISSN 2237-9622.
- PENNA, G. O. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2010**.
- PSE, F. **FORTALECE PSE 2024**.
- RONCHI, J. P.; IGLESIAS, A.; AVELLAR, L. Z. Interface entre educação e saúde: revisão sobre o psicólogo na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 3, p. 613-620, 2018-12-01 2018. ISSN 2175-3539. Accessed on: 2022-06-10T01:07:54.
- SANTOS, T. R.; OLIVEIRA, L. M. **A intersectorialidade no Programa Saúde na Escola: desafios para a promoção de saúde no ambiente escolar.**: Revista Brasileira de Saúde Escolar. 12: 55-63 p. 2020.